

MULHERES NA LIDERANÇA QUILOMBOLA: O CASO DA COMUNIDADE DO GRILO-PB

Eixo Temático - Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação Docente

Alcione Ferreira da Silva ¹

RESUMO

As comunidades quilombolas brasileiras são marcadas por uma longa história de (re)existência. A comunidade do Grilo-PB, não é diferente, visto que a tradição oral nela presente, sempre informa sobre estratégias de sobrevivência, vida e luta desde o seu nascimento. Nessas histórias, percebe-se destaque para a história de lideranças femininas que será narrada neste espaço. Diante disso, objetivamos apresentar brevemente a história de lideranças femininas na comunidade quilombola do Grilo-PB. Para tanto, nos ancoramos metodologicamente na pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa e técnica de coleta de dados pautada na História Oral. Percursos a partir dos quais observamos um forte teor educativo e didático que emerge nas histórias de vida apresentadas, pois para além do espaço comunitário, percebe-se que as narrativas se mesclam com a história do Brasil, revelando muitos aspectos do racismo nacional, bem como múltiplas formas de resistência a ele.

Palavras-chave: Lideranças quilombolas; Comunidades quilombolas, Educação.

INTRODUÇÃO

Nesse resumo objetivamos apresentar a história de três mulheres quilombolas, Umbelina, Dona Dôra e Paquinha, que são marcadas por processos que revelam muitas facetas do racismo estrutural, ao passo que indicam, no mesmo movimento, formas contínuas e variadas de resistência a ele. Movimento pelo qual, as histórias apresentadas trazem fortes elementos educativos e essenciais para debates que fortaleçam posturas antirracistas.

Metodologicamente, os resultados foram obtidos e analisados com base na pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa e técnica de coleta de dados pautada na História Oral. A partir desses lugares metodológicos, o texto

¹ Mestra em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba, alcionefs@hotmail.com;

apresentado traz elementos de diferentes momentos de pesquisa, a destacar a participação, como discente do curso de história, no projeto “Práticas culturais, memória e a arte de inventar o cotidiano: (re)escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afrodescendentes paraibanas” (2010). O segundo momento se deu por ocasião da pesquisa de mestrado em serviço social “Nas trilhas da ancestralidade e na força da cor” (2017).

A narrativa em debate nos oferece a percepção da importância de trazer para o centro dos debates sobre questões étnico-raciais, as experiências quilombolas, como elementos didáticos fundamentais no enfrentamento ao racismo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente artigo foi elaborado, quanto aos procedimentos metodológicos, com base em breve pesquisa bibliográfica, que segundo Martin (2001) se configura como um método que objetiva produzir explicações e debate acerca de um tema específico, através de levantamento e análise de materiais publicados sobre o tema em foco. Tratamos os materiais levantados através de abordagem qualitativa que, conforme Minayo (2001), se configura por não ter como preocupação aspectos quantitativos, mas com a explicação da realidade social, buscando compreender o universo de significados e de fenômenos que não podem ser enquadrados em variáveis numéricas. No tocante aos objetivos, nos enquadrados na pesquisa descritiva e explicativa, sendo a primeira direcionada à descrição de fenômenos sociais (TRIVIÑOS, 1987) e a segunda à explicitação de condicionantes sociais que impactam a ocorrência dos referidos fenômenos (GIL, 2007).

Nos ancoramos ainda na História Oral visto que esta nos permite aproximarmos das comunidades quilombolas a partir de um ponto de vista que, mais facilmente, nos possibilita ir além do que os registros oficiais poderiam nos contar sobre elas, por nos oferecer a possibilidade de olhar a “história vista de baixo”, contada não por órgãos institucionais, a exemplo dos de repressão, que buscavam nomear o que é quilombo, mas a partir das vivências e experiências dos próprios sujeitos que construíram tais comunidades, uma vez que:

A História Oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto

sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 192).

Sublinhamos ainda que a História Oral se faz importante tendo em vista que nosso estudo é direcionado a uma comunidade quilombola, que secularmente constituiu a oralidade, e não a escrita, como uma das principais formas de transmissão de saberes, assim, o conteúdo das entrevistas nos apresenta tramas sociais envoltas nas relações dos sujeitos da comunidade, que não seriam possíveis serem percebidas em outros tipos de fonte.

REFERENCIAL TEÓRICO

Falar acerca da liderança feminina na comunidade do Grilo requer que contextualizemos brevemente o momento de realização de nossas entrevistas. Conforme já afirmamos, a liderança comunitária foi e segue sendo protagonizada, em regra, pelas mulheres de uma família.

Na comunidade do Grilo quando se fala em características e ações das mulheres, nos processos de conquista comunitárias, foi unânime apontá-las como proativas, participativas e destemidas. Esses adjetivos na atualidade são frequentemente apontados em relação a atual líder comunitária, que quando perguntada se a convivência e aprendizado com outras mulheres têm alguma influência em modo de lutar pela terra e de estar à frente da comunidade, prontamente respondeu:

Minha vó foi muito importante. Eu acho que já vem de tradição de mãe pra filho, minha vó era uma mulher bem acreditada na comunidade, ela criou 4 filhos sozinha [...] Deu estudo pra minha mãe, ela pagava, minha mãe foi professora aqui. [...] As lideranças daqui de antigamente vêm de mãe pra filha, já veio da minha mãe [...] Minha mãe tinha tudo da minha vó e minha vó não tinha medo de nada [...] E eu tenho essa característica da minha mãe, minha mãe não tinha medo de nada e eu não tenho medo de nada, até se chegar uma pessoa aqui na minha porta pra me matar, ele pode me matar [...] Hoje terra é morte, a terra era pra ser aberta pra quem quiser trabalhar, mas terra tem um poder muito forte (L.C.T., 2016).

Essa relação de aprendizado e liderança transmitidos entre mulheres, segundo Duarte (2014), é um traço significativo no que se refere aos saberes tradicionais, visto

que estes não são aprendidos, nem transmitidos em espaços institucionais, mas nas relações cotidianas que tomam por base a tradição e a oralidade, elementos fulcrais na sua herança africana.

O que aponta Duarte (2014) sobre a correlação entre liderança feminina e herança africana, encontra eco na fala das mulheres no Grilo. Massilene, filha de Paquinha, ao ser perguntada se, em sua opinião, a força das mulheres do Grilo tinha alguma relação com o fato de serem negras, ou não, ela responde: “Acho que sim, resistência do povo negro do quilombo, resistência”. Seria, portanto, nessa ancestralidade transmitida principalmente pela oralidade que as mulheres de sua família (re)atualizam o lugar de liderança. Paquinha afirma que sua mãe aprendeu com sua avó e que esse aprendizado não ficou guardado com ela:

Eu acho que essa minha... esse jeito de viver, de me expressar, de não ter medo de lutar, querer as coisas e eu tenho que conseguir, coisas que sejam boas para a comunidade. Eu acho que eu consigo através dela, porque quando ela... ela era adorada por esse povo daqui todinho, ela era muito bacana assim, com palavras, com coisas bonitas, nunca ela guardava pra ela só (L.C.T., 2017).

A liderança da mãe de Paquinha, Dona Dôra, é ainda hoje confirmada por muitos membros da comunidade, mesmo após oito anos de seu falecimento. Dona Maria Aparecida Tenório, ao falar sobre as pessoas que foram mais conhecidas na comunidade afirma que todas as pessoas, fossem da comunidade ou fossem de fora “tudo procurava ela, o povo aqui qualquer coisinha era: "Dôra Duda, Dôra Dura", era assim, ninguém chegava por aqui pro mode procurar outra casa não, era a casa dela” (M.A.T., 2017).

Essa liderança foi reconhecida por usar seu conhecimento em favor do Grilo, pois Dona Maria Aparecida, ao falar sobre a resolução dos problemas na comunidade afirma: “quem mais corria atrás era comadre Dôra Duda aí, que já morreu. Só, dos mais antigos mesmo que tinha mais inteligência era ela” (M.A.T., 2017). Essa perspectiva, encontra consonância em outras falas da comunidade, que ao falar sobre Dona Dôra, afirma que as ações e saber dela sempre foi usado em benefício da comunidade, sendo fruto de aprendizado que veio diretamente da mãe, Arquelina, que também é reconhecida pela comunidade e fora dela, em função de seus saberes acerca das ervas medicinais, conforme aponta Paquinha, quando perguntada se sua avó era uma personalidade reconhecida pela comunidade

Sim. Minha mãe disse que sim, e ela era parteira. Aquele pessoal rico todinho (*de fora da comunidade*)*, ela ensinava remédio [...], o que Arquelina não curasse de doença, não tinha mais médico... (L.C.T., 2016).

*Grifos Nossos

As mulheres líderes, na família de Paquinha tinham consciência de seu lugar de liderança e o compreendiam como bem familiar a ser transmitido. Tal situação fica claramente expressa, na passagem em que Dona Dôra, fala a sua filha, Paquinha, sobre o momento certo para lhe transmitir o que ainda não havia sido dito sobre seus conhecimentos. Acerca disto, é afirmado:

Ela contou tudo de bom pra mim, e ela dizia: “Paquinha, quando eu tiver perto de morrer, se eu ficar numa cama falando, tudo que eu sei eu vou passar pra você. Eu só não posso passar pra você agora, porque se eu ver que eu não morro, as minhas coisas não vai servir, as minhas coisas não vai servir pra você, mas quando tiver perto, se eu ver que não vai ter solução (L.C.T., 2016).

A morte de uma líder marcaria, conforme Paquinha indica, a transição completa da liderança. A escolha de quem ficaria em seu lugar, não era feita arbitrariamente, pois nunca ter deixado a família e a comunidade de forma definitiva, ao contrário de algumas irmãs, foi um dos fatores centrais de relação de proximidade entre Paquinha e Dona Dôra. A primeira, ao falar sobre a relação de proximidade entre ambas, aponta: “ela tinha doze filhos, treze filhos, mas Paquinha pra ela era tudo [...] porque eu tinha uma irmã, mas depois que ela estudou, largou ela, foi pra o Rio, e ela não queria que fosse” (Paquinha, 2016).

O agir pela comunidade se configurou como um elemento de ligação, continuidade e coexistência da liderança. Indício dessa realidade está posta no momento em que ao chegar a possibilidade de acessar políticas públicas que lhes garantissem a posse da terra, compreendendo que seria uma nova fase da luta pela comunidade. Paquinha, principal moradora da comunidade envolvida no processo, nos conta que recebeu apoio de sua mãe que afirmou: "Não, Leonilda, você não vai levar esse trabalho sozinha não, muita coisa para você" (L.C.T., 2016), e complementou dizendo que a relação com a mãe foi fulcral para seu empenho na luta pela comunidade: “Eu acho que

toda minha luta, meu trabalho pelo recomeço da terra, tudo, eu acho que eu tenho tudo a ver com a minha mãe” (L.C.T., 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Comunidade quilombola do Grilo, compartilhar dos mesmos valores emerge como fundamental para a vivência e transmissão da liderança. As principais características desses valores, frequentemente centrados no espaço da comunidade e a própria relação entre as mulheres líderes, encontram ressonância no que a perspectiva epistemológica da afrocentricidade, de acordo com Asante (2009), aponta como características essenciais em alguns processos de sociabilidade das comunidades tradicionais negras: a centralidade da comunidade e respeito à tradição expressa preponderantemente nos saberes dos mais velhos. É latente como o processo que tradicionalmente envolve a história de liderança feminina no Grilo, perpassa em vários momentos pelas referidas características.

No mesmo sentido em que os cuidados com “as coisas do quilombo”, antes do sítio Grilo, não pararam em Paquinha. Com orgulho, ela fala de como as novas gerações de sua família: “Minha filha que ela é apaixonada por quilombo, apaixonada pelas coisas do Quilombo. A minha nora também, essa que chegou com o neném no braço, ela é muito apaixonada por quilombo” (L.C.T., 2017). Assim sendo, é majoritariamente pelas mãos das mulheres que vem se transmitindo, de geração em geração, o sentimento de pertença e luta pela comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da comunidade quilombola do Grilo, pertencente ao município de Riachão do Bacamarte - PB, marcada em sua origem pelas sequelas da escravização, foi e é lócus do exercício da liderança feminina. Na referida comunidade esta liderança tem caráter familiar, sendo transmitida de geração em geração carregando fortes traços de ancestralidade cultural. Movimento no qual se destacam mulheres, partícipes da resistência, marcam a história da comunidade através de sua luta pelo processo de emancipação territorial, o qual tem respaldo no reconhecimento da ancestralidade

feminina, possibilitando, mesmo mediante conflitos, a interação e integração da comunidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Osmar Ribeiro de; SANTOS, Sônia Maria dos. **HISTÓRIA ORAL: VOZES, NARRATIVAS E TEXTOS**. Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p.93-110.

DUARTE, Zuleide. **A TRADIÇÃO ORAL NA ÁFRICA**. **Estudos de Sociologia**. IN: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. n. 2, p. 18. – 189. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

L.C.T. **Leonilda Coelho Tenório**. 1º depoimento [fev. 2016 Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: Nas trilhas da ancestralidade e na força da cor: protagonismo social de mulheres da comunidade quilombola do Grilo-pb na luta pelo direito social à terra.

L.C.T. **Leonilda Coelho Tenório**. 1º depoimento [Abr. 2017 Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: Nas trilhas da ancestralidade e na força da cor: protagonismo social de mulheres da comunidade quilombola do Grilo-pb na luta pelo direito social à terra.

M.A.T. **Maria Aparecida Tenório**. 1º depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: Nas trilhas da ancestralidade e na força da cor: protagonismo social de mulheres da comunidade quilombola do Grilo-pb na luta pelo direito social à terra.

MARTINS, G. A; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.